

LIVROS “FORA DA CAIXA”: UMA VIVÊNCIA DE LEITURA LITERÁRIA

Ana Maria Moraes Scheffer¹

Márcia Mariana Santos de Oliveira Ramalho²

Maiara Ferreira de Souza³

A experiência de abrir a caixa e se deparar com livros novos, com cheiro especial de livro, de tinta, de papel novinho, textura, ruído de livro novo. É singular!

Flávia Brocchetto Ramos

Considerando que a escola é uma das principais instâncias de formação do sujeito leitor, vale destacar uma iniciativa que vem acontecendo no Brasil, no sentido de contribuir para que essa instituição cumpra a sua tarefa de formar leitores. Trata-se da política adotada pelo governo federal de distribuição de acervos literários para a constituição de bibliotecas escolares nas escolas públicas brasileiras através do Programa Nacional de Biblioteca da Escola (PNBE). Esse programa, que surgiu em 1997, traz a possibilidade de propiciar o acesso e a ampliação do universo literário dos alunos, além de alargar as iniciativas de dinamização do uso do acervo e de promoção da leitura literária no interior das escolas.

De acordo com Paiva (2015), o objetivo principal do PNBE é democratizar o acesso a obras de literatura brasileiras e estrangeiras infantis e juvenis, além de fornecer materiais de pesquisa e de referência a professores e alunos. A partir das pesquisas desenvolvidas por essa pesquisadora foi constatado que em seus 18 anos de existência, um número expressivo de livros foi distribuído e milhões de alunos e escolas beneficiadas. Contudo, a distribuição e o acesso não estão sendo executados integralmente, uma vez que os acervos de literatura constituídos pelo PNBE, em muitas escolas, têm permanecido encaixotados, impedindo, assim, o conhecimento desse material pelos professores, o contato direto do aluno com os livros e o seu uso, o que, conseqüentemente, compromete a formação leitora.

Em função dessa realidade, nos propusemos a promover o acesso e efetivar o uso dos livros das caixas do PNBE. Para tanto, promovemos algumas vivências entre as crianças, professores e pesquisadores com a literatura através da realização da oficina literária “Livros ‘fora da caixa’: uma vivência de leitura literária”, integrada ao projeto de extensão “Tempos e espaços de leitura” no âmbito do grupo de pesquisa Linguagem, Infâncias e Educação – LINFE – da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. O objetivo desse projeto de extensão é refletir a formação de professores como leitores literários e suas práticas docentes na formação de crianças leitoras, para, a partir disso, efetuar intervenções nas escolas através do desenvolvimento de oficinas de leitura.

Para compartilhar a experiência de leitura vivida por todos os envolvidos nessa proposta de oficina literária, organizamos esse texto buscando entrecruzar prática e teoria. Para tanto, narramos as vivências dessa oficina que foi realizada em duas escolas de Educação Infantil da rede municipal de ensino de Juiz de Fora, a qual teve a participação das professoras das turmas e dos pesquisadores na elaboração do planejamento e no seu desenvolvimento com as crianças. Trazemos as contribuições de estudos que discutem a leitura literária e o letramento literário e tecemos algumas considerações sobre o trabalho desenvolvido.

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, Minas Gerais. Brasil. E-mail: anamscheffer@oi.com.br.

² Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, Minas Gerais. Brasil. E-mail: mmariana-oliveira@bol.com.br.

³ Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, Minas Gerais. Brasil. E-mail: maiaraf.souza@gmail.com.

Narrando as oficinas de leitura: reflexões entre teoria e a prática

As oficinas foram desenvolvidas em espaços como a biblioteca escolar e a sala de aula. Na primeira escola onde foi realizada a oficina, as crianças foram organizadas no espaço externo da biblioteca. A professora e a pesquisadora prepararam o ambiente com tapete, almofadas e os livros. As crianças ao chegarem nesse ambiente se posicionaram em círculo ao redor dos livros. Cada uma escolheu o livro que mais lhe havia despertado interesse. Num primeiro momento, as crianças puderam manusear e realizar a leitura dos livros. Um grupo de três meninos observou os livros e um deles apontou para o livro “Mar de sonhos⁴”, que na capa traz um barco sobre uma grande onda e disse aos colegas: “Olha, esse é a arca de Noé!”. Essa fala despertou nossa atenção pela inferência que o menino fez do desenho a partir de histórias por ele já conhecidas, as quais podem ser a história bíblica da Arca de Noé, os textos literários de Vinícius de Moraes e Ruth Rocha, entre outros.

Outras crianças também demonstraram interesse pelos livros, compartilharam algumas ideias e fizeram referências às práticas de leitura desenvolvidas em casa com as famílias. Percebemos que as ilustrações despertaram maior interesse das crianças pela escolha dos livros para a leitura.

Destacamos um momento da oficina em que uma criança começa a interagir e se deixa levar pelo encanto da leitura. Primeiro, a criança observou todos os livros dispostos e só depois de algum tempo escolheu um livro. Ela leu o livro até o final da oficina e foi o último a guardá-lo. O menino observava cada imagem, passando o dedo sobre as páginas. Folheou o livro até chegar ao final, onde estavam as fotos dos autores e sua descrição, foi quando ele disse: “Tia olha quem escreveu.” Conforme assinala Paiva e Rodrigues,

a interação com o livro é necessária ao letramento literário que envolve o conhecimento das características materiais do objeto, aspectos paratextuais que remetem à autoria, à editora, ao projeto gráfico que institui o diálogo entre as imagens e o texto verbal, enfim, a uma série de aspectos passíveis de serem experimentados somente com o contato direto com o livro (PAIVA E RODRIGUES, 2008, p. 111).

Na segunda escola, organizamos as crianças em grupos na sala de aula. Com a pergunta: O que tem na caixa? Instigamos as crianças a pensarem e exporem suas opiniões. Algumas imediatamente falaram: “brinquedos”, “doces”, “pipoca”. Outras arriscaram: “tapete de histórias”, “coisas de princesa”, “contos de fadas” e uma delas acertou quando disse: “livros!”. Nesse momento perguntamos às crianças: “Mas que tipo de livros vocês acham que tem na caixa?” Algumas responderam: “de bruxas”, “de princesa”, “contos de fadas”, “aventura”, entre outros.

Após essa conversa, abrimos a caixa e mostramos para as crianças os vários livros que estavam dentro. Nesse primeiro momento, elas puderam escolher os livros, manuseá-los, olhar os detalhes, sentir o livro: sua espessura, tamanho, cheiro, cores, e conhecer seu interior. Conforme assinala Manguel, “o leitor ao entrar em contato com o livro, estabelece uma relação íntima, física, a qual todos os sentidos participam” (MANGUEL, 199, p. 277). De fato basta observarmos os pequenos com o livro para certificarmos disso.

Um grupo de crianças estava completamente envolvido com o enredo das histórias que estava sendo construído no momento da leitura, o qual conjugava os elementos visuais dos livros e aqueles da imaginação criativa da infância. Foi um momento de encanto e

⁴ NOLAN, D. Mar de Sonhos. 1ª Edição. Editora: Nova Fronteira, 2013.

compartilhamento de vivências que oportunizou a aproximação das crianças com a materialidade do livro no espaço escolar. Sobre isso, Vigotski destaca que,

já na primeira infância, identificamos nas crianças processos de criação que se expressam melhor em suas brincadeiras. A brincadeira da criança não é uma simples recordação do que vivenciou, mas uma reelaboração criativa de impressões vivenciadas. Assim como na brincadeira, o ímpeto da criança para criar é a imaginação em atividade. (VIGOTSKI, 2009 p. 16-17).

Na sequência, sentamos todos em uma roda para iniciar as leituras. O primeiro livro lido foi “Lino⁵”. Uma das pesquisadoras começou a contação lendo o título do livro de modo a instigar as crianças a criarem hipóteses acerca da história a partir da ilustração da capa. Expressivo número de crianças da sala apontou que já conhecia a história do livro. Foi interessante perceber que mesmo já conhecendo o livro e a história, as crianças o escolheram para leitura, o que demonstra o encantamento literário e a necessidade delas, nesse processo de formação de leitoras, ouvirem a mesma história mais de uma vez. A esse respeito Machado e Correia (2010, p. 108), apontam que “o fato de a criança, em geral, gostar de ouvir histórias e diríamos, mais de uma vez a mesma história, aponta um traço da leitura literária nessa fase de formação”. Afinal, leitura apressada de um texto literário não combina com a literatura.

Ao iniciarmos a leitura dessa obra, percebemos que as crianças foram acompanhando atentamente todos os detalhes, gestos corporais e faciais, entonações e o enredo da história. Quando foi finalizada a leitura, uma menina chamada Samara pediu a pesquisadora para contar a história novamente. Apesar de ainda não saber ler, Samara, em sua leitura, utilizava as ilustrações do livro e a memória, uma vez que já escutara a história. A menina iniciou a narrativa, enfatizando as mesmas cenas, detalhes e expressões que a pesquisadora acabara de fazer. Foi surpreendente observar que Samara se espelhava na pesquisadora para recontar a história do seu modo, refletindo nas suas ações aquela vivência imediata da história ouvida. Sobre isso, é interessante dialogar com Cosson (2014), que aponta a prática de leitura em voz alta como possibilidade de tornar o professor um modelo de leitor, contribuindo no despertar do interesse pela leitura da obra, na observação dos seus gestos de leitura pelas crianças, na construção partilhada dos sentidos despertados pelo texto.

Vale destacar um momento em que as crianças escolhiam o próximo livro para a leitura, e uma criança levantou a mão dizendo que queria ler uma história. A menina Alice nos surpreendeu dizendo que não queria ler nenhum daqueles que ali estavam e sim outro que estava dentro da “Maleta viajante”, que falava sobre “O segredo”. Essa “Maleta viajante” é parte de um projeto desenvolvido na escola que procura oportunizar as famílias momentos de leitura coletiva de histórias. Para isso, a cada semana, uma criança da turma leva para casa a maleta que contém vários livros infantis, com a proposta de que após a leitura junto das crianças, os pais relatem, em um caderno de notas, como foi essa experiência.

No dia da oficina aqui apresentada, Alice havia acabado de entregar para a professora da turma a maleta viajante que ficou em sua casa por alguns dias. Pelo que pudemos perceber na atitude dessa criança, a vivência com os livros da maleta foi significativa a ponto de surgir a necessidade de compartilhar com os colegas o vivido, o lido e a história de que mais gostou. Considerando ser relevante a sua atitude, deixamos a menina pegar o livro na maleta e contar a história para os colegas. O livro escolhido por ela foi “Você sabe guardar segredo?⁶”. Alice iniciou a leitura do livro com entusiasmo e uma postura de leitor proficiente. A pequena leitora

⁵ NEVES, A. Lino. São Paulo: Callis Editora, 2011.

⁶ FRANÇA, M. FRANÇA, E. Você sabe guardar segredo? São Paulo: Editora Ática, 2010.

manuseava o livro com cuidado, observava as ilustrações com atenção e narrava a história utilizando os elementos visuais do livro e as recordações da história que dançavam em sua memória a partir da leitura feita em casa. Ao contar os fatos da história virava o livro em direção às crianças, para que elas pudessem acompanhar a narrativa e o seu desencadear pelas ilustrações. Esse movimento de Alice nos remete à ideia de que a atitude dos mediadores de leitura reflete no modo de se comportar do leitor em formação, principalmente quando este mediador é alguém tido como referência para as crianças, que está em permanente relação dialógica com ela.

Surpreendeu-nos o modo como a menina enraizou a história, pois utilizou até os recursos estilísticos presentes na narrativa, empregando-os no momento certo, ou seja, onde eles se apresentavam na história escrita. Assim, notamos que, essa criança firmou um pacto ficcional com o livro a partir de uma vivência familiar de leitura da história. Isso demonstra as potencialidades da leitura e os sentidos que as crianças atribuem às suas experiências com o texto literário.

Considerações finais

Com base no que foi vivenciado a partir dessa oficina literária, podemos dizer que as crianças não só tiveram a oportunidade de ter contato e conhecer os livros da caixa, como também puderam se encantar e se emocionar com as histórias. O encontro com a literatura por meio de uma caixa de livros fez com que todos os sujeitos envolvidos nessa atividade fossem convidados a participar ativamente na construção de sentidos para o texto literário.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a escola, enquanto instituição responsável pela formação do leitor, necessita ampliar a experiência da criança com a leitura, para que a partir dessas vivências, possam ser expandidas as possibilidades da atividade de criação.

Referências

- COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- FRANÇA, M.; FRANÇA, E. **Você sabe guardar segredo?** São Paulo: Editora Ática, 2010.
- MANGUEL, A. **Uma história de leitura**. São Paulo: Companhia das letras, 1997.
- MACHADO, M. Z. V.; CORREA, H. T. Literatura no ensino fundamental: uma formação para o estético. In: RANGEL, E. O; ROJO, R. H. R. (Org.). **Língua Portuguesa: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação.
- NEVES, A. **Lino**. São Paulo: Callis Editora, 2011.
- NOLAN, D. **Mar de Sonhos**. 1. ed. Editora Nova Fronteira, 2013.
- PAIVA, A.; RODRIGUES, P. C. A. Letramento literário na sala de aula: desafios e possibilidades. In: CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F. (Org.). **Alfabetização e Letramento na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica: CEALE, 2008, p. 103-119. (Coleção Alfabetização e Letramento na sala de aula).

_____. PNBE: seleção, distribuição, circulação e usos de livros de literatura na Educação Infantil: uma política em (re) construção In: BAPTISTA, M. C. et al. (Org.) **Literatura na Educação no Brasil**: acervos, espaços e mediações. Brasília: MEC, 2015. p. 157- 180.

VIGOTSKI. L. S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.